E. Bernard Allo, O. P.

OS PARTIDOS EM CORINTO

—

ESPECIALMENTE
O PARTIDO "DE CRISTO"

Tradução:
Felipe Arnellas Coelho

São Paulo
2022

OS PARTIDOS EM CORINTO, ESPECIALMENTE O PARTIDO “DE CRISTO”.[1]

Estabelecemos, no comentário de [I Cor.] I, 12, que Paulo, combatendo as facções de Corinto, as designa abertamente, e não as classifica debaixo de nomes fictícios.[2] É acaso possível, pela própria Epístola, determinar historicamente o que cada um desses partidos era, e que papel desempenhou nas relações do Apóstolo com essa comunidade procelosa?

---

1. [N. do T. — Fonte desta tradução: E.-B. ALLO, O. P., *Saint Paul. Première Épître aux Corinthiens*, 2.ª ed., Lecoffre, Paris 1934, p. 80-87: “*Excursus* IV. *Les partis à Corinthe, spécialement le parti « du Christ »*.” (Cf. p. 192 ss. do pdf in: “archive.org/details/MN41377ucmf_4”.)

Tudo o que se acha entre colchetes nesta tradução é de responsabilidade do tradutor.]

2. [N. do T. — *Eis o comentário a este versículo* (*op. cit.*, p. 9-10):

“12. Paulo faz a precisão, logo em seguida, do que lhe foi informado pelas pessoas [da casa] de Cloé, e vemos que se trata antes de tudo de questões de pessoas, de uma espécie de partidos de escola, exclusivos e chicaneiros, que procuravam formar-se, bem à maneira grega, em redor do nome dos evangelistas. É preciso admirar também a habilidade diplomática de Paulo, que reprova, antes de todos os outros, os que seriam seus próprios partidários, indiscretos em seu zelo. Talvez, assinalando esses «paulinos», ele exagere um pouco; mas acredita, ou ao menos afeta acreditar, que possa ter partidários que vão longe demais; assim, o que tem a dizer aos outros será mais facilmente aceito (cfr. vv. 13[b]-15).

Certos comentadores gregos e latinos, invocando IV, 6 (v. *ad loc*. [p. 71]), avançaram a opinião de que aqui Paulo, para contemporizar com os indivíduos, teria designado as facções debaixo de nomes falsos, os dos grandes pregadores acerca dos quais não havia na realidade divergências de opinião; ele teria querido permanecer aqui na vagueza: «Supondo que declarásseis, por exemplo, ser homem de Paulo, ou de Apolo, etc.», evitando assim designar os verdadeiros responsáveis (*Crisóstomo*, *Teodoreto*, *Damasceno*, *Primásio*, *Ecumênio*, *Teofilato*, *Ambrosiaster*, *Pelágio*, *Cardeal Hugo de Saint-Cher*, *Cajetano*, etc., cfr. *Delafosse*). Seria um proceder bastante tortuoso, embora não impossível em si; mas não é facilmente conciliável com o contexto geral, e se se tratasse de ficção retórica, Paulo sem dúvida não a teria sustentado por tanto tempo (até o fim do cap. IV). *Clemente Romano* [—colaborador de S. Paulo mencionado em Flp 4,3 e terceiro sucessor de S. Pedro, foi Papa na última década do séc. I (N do T.)—] referindo-se a essa passagem, em carta endereçada [—c. 95-96—] a esses mesmos Coríntios (*I Clem.* XLVII), entende-a completamente à letra, e lhes diz (XLVII, 4): «Uma cabala era então uma falta menor, porque vos incluíeis no partido de apóstolos autorizados (*Paulo*, *Cefas*), e de um homem aprovado por eles (*Apolo*)»; o que é mais do que suficiente para destruir uma hipótese tão sutil.” (*Op. cit.*, p. 9.)

Num excurso tentaremos determinar o que podiam ser esses partidos. Que Paulo e Apolo, que tinham evangelizado Corinto um após o outro, tivessem encontrado ali seguidores demasiado exclusivos, nada mais natural; os partidários de Cefas —embora este nunca tenha pregado em Corinto— podiam ser fiéis vindos para esta grande cidade de alguma outra região, onde tivessem sido convertidos, imediata ou indiretamente, pela pregação de Pedro. Não se ergue dificuldade real senão a propósito dos que se declaravam: «Eu, sou de Cristo.»

Esse «ἐγὼ δὲ Χριστοῦ» embaraçou realmente os comentadores de todos os tempos. Podia acaso haver um «partido de Cristo», como havia um de Apolo? Acaso todos os batizados não eram e não se acreditavam igualmente cristãos? A questão é tão obscura e tão

No que se refere aos partidos de Paulo, de Apolo e de Cefas, a dificuldade não parece grande, e a seu respeito todo mundo, quase, está de acordo.

Não é de admirar, em primeiro lugar, que um bom número dos convertidos de Paulo, vendo ser sorrateiramente depreciada a autoridade de seu pai, do pai de toda a comunidade, tenham cerrado fileiras como guarda-costas em torno do seu nome. O Apóstolo não podia querer embirrar com isso; mas talvez fosse preciso temperar um pouco o zelo de alguns. Por nada no mundo deviam parecer fazer de Paulo —consciente de nada mais ser, como os outros apóstolos, que um "ecônomo dos mistérios de Deus" [1 Co 4,1; alt. intendente, administrador, despenseiro]— o chefe de uma escola mais ou menos oposta ao ensinamento comum dos Doze, o promulgador de um Cristo e de um cristianismo particulares. Os gregos mais bem intencionados, com seu gosto pela polêmica, não eram senão inclinados demais a tombar em semelhantes exageros. Podiam surgir até certos perigos doutrinais ou morais, em razão de gente que compreendia

---

importante que remetemos a discussão a seu respeito para o Excurso IV [aqui traduzido no corpo do texto].

Digamos somente, desde logo, que temos por autênticas essas palavras (contra *Pierce*, *Bruins*, *J. Weiss*, e as hesitações de *Bousset*), porque não faltam em nenhuma testemunha. Não julgamos que seja a própria declaração de Paulo oposta ao conjunto das que precedem (contra muitos gregos, *Calvino*, *Eichhorn*, *Bleek*, *Meyer*, *Cornely*, *Le Camus*, etc.), porque ela não se distinguiria o bastante das precedentes, com as quais forma uma série, sendo de forma absolutamente homogênea; se Clemente [Romano] não fez alusão a essas palavras, é porque as divisões coríntias, na época em que escrevia, referiam-se apenas a mestres humanos e fautores de perturbações de ordem muito inferior a Paulo, Apolo e Cefas. Também se pôde dizer que esta era uma declaração dos «bons coríntios», chocados de ver os outros se dividirem a propósito de pregadores do mesmo Cristo. Mas Paulo (v. 13) bem parece culpar todo mundo. Portanto, acreditamos que havia cristãos em Corinto que queriam se distinguir dos irmãos, declarando: «Quanto a nós, nós somos homens de Cristo, e de mais ninguém»; e não é necessário pensar que Paulo invente esse partido (contra *Reitzenstein*, cfr. *Crisóstomo*) para abater as suas divisões levando-as *ad absurdum*, insinuando que alguns teriam sido capazes de pôr Cristo no mesmo nível que simples pregadores humanos. Talvez Paulo não acuse os que falavam assim, mas só lamente que alguns sejam obrigados a fazer uma tal declaração —que devia ser de todos— para distinguir-se doutras frações da comunidade (*Crisóstomo*, al., *Bachmann*, *Gutjahr*, al.); talvez, igualmente bem, houvesse batizados que faziam profissão de desdenhar de todos os intermediários humanos, mesmo de Paulo em pessoa, e de não se submeter senão a Cristo, diretamente. Inclinamo-nos desde já para esta segunda solução. Mas então qual podia ser esse partido de Cristo? Dentre os que admitem a sua existência, uns nele pretendem ver judaizantes extremos; outros, antigos convertidos que tinham visto o Senhor; outros, místicos gnosticizantes. Mais vale remeter todas essas questões concernentes à existência e à natureza dum «partido de Cristo» para uma dissertação especial; porque não é necessário já tê-las resolvido para seguir a argumentação de Paulo nestes capítulos." (*L. c.*)]

mal quer o ascetismo de Paulo ou o seu princípio de liberdade e de abrogação da lei. De fato, vimos nascer no século II um "supra-paulinismo", o de Marcion, que destruía o Evangelho junto com a Lei.

Os partidários de Apolo são igualmente fáceis de identificar. Não é provável que alguma divergência doutrinária os tenha separado dos discípulos fiéis de Paulo. O que os caracterizava era antes uma questão de método na exposição da fé, e preferências pessoais. O caráter genial, mas paradoxal e abrupto das pregações do Apóstolo devia agradar-lhes menos do que o estilo do evangelista alexandrino [Apolo]. Esse dialético eloquente, que nos apresentam os *Atos* (XVIII, 24-25), castigava mais a forma de seus discursos (quiçá fosse retor de profissão), e provavelmente buscava mostrar a harmonia entre o Evangelho e a melhor "sabedoria" dos filósofos. Paulo, como vimos [ao comentar 1Co 1,17–2,16], tinha renunciado, depois de feita a experiência [cf. At 17,15-34], a usar dessa tática que, em vista dos tempos e dos lugares, não lhe parecera a mais eficaz. Ela poderia ter ocultado, para pessoas sem profundidade, o caráter transcendente e único da "sabedoria da cruz", que é, humanamente falando, "loucura". Por conseguinte, é sem dúvida em atenção a neófitos superficiais, exclusivamente entusiasmados por esse estilo de Apolo, que Paulo ressalta tão vivamente esse contraste entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo. E é também por isso que, nestes primeiros capítulos, ele parece esquecer-se de que havia outros "partidos" além do "seu" e do de Apolo. O v. 12 do capítulo XVI mostrará claramente que o próprio Apolo ficou muito surpreso e contrariado que se fizessem cabalas em torno do seu nome.

Quanto aos "partidários de Cefas", à parte a menção de I, 12 (e III, 22), eles são muito preteridos em toda esta discussão, como se tivessem sido pessoas pouco numerosas ou sem importância. Quem eram eles? Já o dissemos: provavelmente imigrantes ou passantes que, tendo sido convertidos noutra parte, no campo de apostolado do chefe dos Doze (*id. Gutjahr*), se admiravam, ao chegar a Corinto, que esse Paulo, que não era discípulo direto de Cristo, ali gozasse de tal consideração, capaz —pensavam eles— de prejudicar à de seu mestre. Podemos supor que fossem de origem judaica e que sua influência se exercesse particularmente sobre os neófitos coríntios que tinham vindo da sinagoga. Havia-os porventura que, nesse ambiente de disputas, exaltassem a vantagem de pertencer à raça de Abraão a ponto de aconselhar aos convertidos da gentilidade se fazerem circuncidar, quem sabe como protesto contra outros extremistas, judeus estes, que queriam suprimir todo vestígio corpóreo de sua origem? O v. 18 do cap. VII (v. *ad loc.*) poderia sugerir essa hipótese; mas talvez Paulo mais

não faça aí que aventar oratoriamente casos teóricos e típicos. Seja como for quanto a isto, esses partidários de Cefas não deviam ser muito turbulentos nem muito perigosos, e nada indica que tenha existido então em Corinto um perigo judaizante, como Paulo soube, neste ínterim, que havia um na Galácia. Simplesmente, esses “homens de Cefas” podiam guardar, em face da Lei mosaica, uma atitude menos clara do que os convertidos paulinos, e, quando ouviam Paulo ser louvado, pôr-se logo com ciúme a exaltar Pedro; certas questões acerca de matrimônio e de idolotitos podiam também preocupá-los de maneira muito especial (v. *infra*). Mas a situação certamente não tinha ainda se tornado, por responsabilidade deles, o que veremos ser a situação na segunda Epístola aos Coríntios.

Resta o “partido de Cristo”, que se presta a tantas discussões históricas. Aqui, efetivamente, a obscuridade é tal que não esperaremos chegar a uma solução julgada por todos satisfatória. Temos, entretanto, de propor a nossa.

Dissemos no comentário por que razões as palavras “ἐγὼ δὲ Χριστοῦ” [1Cor 1,12] parecem-nos ser certamente autênticas[3] e formar uma série homogênea com as expressões análogas que precedem, em vez de ser uma oposição ou uma réplica. Concluíamos que deve ter existido um “partido de Cristo”, como de Apolo, como de Cefas, de preferência a ver nisto uma profissão de fé dos “bons coríntios”, aos quais repugnavam todas as capelinhas.

A objeção que se tira, contra a existência de uma tal facção, do texto de *Clemente Romano* (XLVII, 1-4), não tem valor, pela razão que já indicamos. Poder-se-ia concluir igualmente bem, e com maioria de razão, pela não-existência de um partido de Cefas, em virtude de Paulo, após tê-lo mencionado, não voltar mais a ele na discussão; e seria igualmente falso. Mas insiste-se no fato de que, no resto da Epístola, nada se acha escrito que possamos citar de maneira plausível como alusão a este partido problemático.

Será mesmo assim?

De modo geral, os que sustentam a mesma opinião que nós, se referem a II *Cor.* X, 7: “Se alguém se convence de que *é dos de Cristo*”, poderia ao menos fazer a reflexão de que nós o somos tanto quanto ele. Contraditores que nem todos têm o sentido da ironia, e não captam o proceder bastante

---

3. R. PERDELWITZ, *Die sogenannte Christuspartei in Korinth* (1911), quis substituir Χριστοῦ [*Christou*] por Κρίσπου [*Krispou*]: teria havido “um partido de Crispo” (o chefe convertido da sinagoga). Solução fantasiosa e desesperada.

habitual em Paulo de rodear os seus adversários com contemporizações aparentes antes de se precipitar sobre eles, acreditam que o Apóstolo se ponha por ora, seriamente, na mesma categoria que esse “alguém”, o qual, consequentemente, não poderia ser representante de uma facção já denunciada e reprovada. Está aí um entendimento bem material. Mais vale, porém, deixar atualmente a questão aberta, e procurar primeiro na mesma Primeira aos Coríntios se não há algumas passagens aptas a reforçar nossa opinião.

Ora, notamos em primeiro lugar isto, que Paulo, que tratou como merecem “os de Apolo” (ao menos estes) nos capítulos sobre a “sabedoria”, e que quase parece esquecer “os de Cefas”, ataca continuamente, ao longo da carta, certos cristãos suspeitos, que realmente parecem formar uma categoria determinada, destacando-se do conjunto da comunidade. Seria uma “ala esquerda” das “pessoas de Paulo” ou das “pessoas de Apolo” — não podendo estar em causa aqui as “pessoas de Cefas”, aparentemente mais legalistas? Não parece que sejam homens de Paulo, porque numa dessas passagens (VII, 40, v. *ad loc.*) o Apóstolo reivindica *contra eles*, com sua irônica modéstia, a autoridade que ele possui, *também ele*, como “espiritual”; logo, é porque ela não era, para eles, a última instância. Não sendo “pessoas de Paulo”, seriam “pessoas de Apolo”? Mas a pregação de Apolo, esse judeu eloquente, inteiramente baseada na interpretação da Escritura, não devia levar seus fautores ao laxismo paganizante que parece a característica típica daqueles de que falamos aqui (Id. *Toussaint*).

Vamos direto ao assunto, então: quem eram esses tais? Tratar-se-á de personagens que são bons em “discursos” (como também podiam ser os de Apolo) e tiram daí ocasião de se “inchar”, sendo que não têm nenhum “poder” para o estabelecimento do Reino de Deus; e, assim, atraem para si a ameaça da “verga” (IV, 18-21). A veemência da apóstrofe aos “saciados”, que se têm na conta de reis e agem como se não tivessem recebido de outros tudo o que possuem de sabedoria (IV, 7-8), pode visar (não exclusivamente, mas ao menos em primeiro lugar) neófitos orgulhosos que se ufanam de independência. Encontram-se também alusões claras, tanto quanto possível, a laxistas que repetem sem parar: “Tudo me é permitido” (VI, 12; X, 23), e que forjam singulares sofismas no tocante à indiferença das relações sexuais ou da participação na idolatria; devem ser os mesmos que parecem dispostos a iludir-se sobre a nocividade dos mais graves vícios (VI, 9-11: o “incestuoso” podia ser um dos seus); são eles ainda que posam de entendidos acerca dos idolotitos (VIII, 1-6); que talvez cheguem

ao ponto de imaginar que a profissão de fé cristã e os sacramentos dispensam, ou quase, da moral (ver X, 1-12), e provavelmente também que, não tendo em consideração o ensinamento de Paulo e dos Doze, falavam contra a ressurreição corpórea geral (e sem dúvida, por conseguinte, contra o juízo), para não conservar mais que uma vaga imortalidade espiritual (ver cap. XV; cfr. II *Tim.* II, 18, aqueles hereges de Éfeso que pretendiam que a "ressurreição" já tivesse acontecido).

Todos esses traços combinam perfeitamente, e deviam achar-se reunidos nos mesmos indivíduos. Não os podemos chamar de outra coisa senão "paganizantes" ou "filosofizantes", deslumbrados com uma "Sabedoria deste mundo" que é loucura diante de Deus (III, 19). E os que transformam a Ceia eucarística em banquete quase profano (cap. XI)? E essas mulheres emancipadas que vão fazer admirar a sua bela cabeleira nos lugares de oração (*ibid.*, *supra*)? E esses "inspirados" que fazem gala de dons espirituais, profecia ou glossolalia (ver cap. XIV), imitando os extravios dos Mistérios pagãos que haviam conhecido outrora, ou as contorções das pitonisas defendendo-se contra o deus invasor, ao ponto de exclamar: "Anátema a Jesus" (XII, 2, 3, v. *ad loc*) e ao ponto de fazer as assembleias de "pneumáticos" se parecerem com reuniões de doidos (XIV, 23; 33; *passim*)?

Assim, havia em Corinto, desde que Paulo deixara essa igreja, todo um bando de laxistas, de antinomistas, de racionalistas, de falsos místicos, perturbando, mais do que todas as outras facções consideradas como um todo, a comunidade e expondo-se aos golpes mais severos da "verga" apostólica. A cada uma de suas instruções, Paulo os encontra diante de si. Deviam ser, acima de tudo, pagãos mal convertidos, que não viam no Evangelho, segundo o gosto de cada um, mais que uma filosofia ou uma mística do mesmo gênero que as do helenismo, às quais eles no fundo não tinham renunciado. A inspiração individual, a independência, o "tudo *me* é permitido", era a sua palavra de ordem. E tinham podido arrastar a isto judeus de nascimento — aqueles que, talvez por vergonha de ter estado a ferros de uma religião legalista, buscavam apagar os vestígios de sua circuncisão (VII, 18); no judaísmo de então, acaso já não havia "*minim*", heterodoxos, laxistas, e mesmo sincretistas na Frígia, que assimilavam Yahweh e Sabázio?

Ora, é no mínimo provável que os fautores de todas essas tendências anárquicas simpatizassem e se entendessem entre si. Dogmatizavam à sua maneira, e pretendiam ajudar a construir o edifício cristão — sobre uma base que absolutamente já não era o Cristo genuíno (v. III, 11). Se são os

fautores de Apolo ou de Cefas que, como pensa Cornely (*supra*), edificam com madeira ou palha, mas sempre sobre o verdadeiro fundamento, em contrapartida são os paganizantes os que *destroem* o templo de Deus totalmente, e arriscam ser destruídos, eles próprios, pelo “fogo” que consumirá a obra deles (III, 12-13; 16-17). Era lícito considerá-los, a todos em bloco, como uma facção, um partido — e, de todos, o mais culpável e o mais perigoso.

Como Paulo poderia ter omitido de fazer menção expressa a eles quando reprova as facções em geral, no cap. I, v. 12? Esses laxistas e esses independentes não podiam ser nem os “homens de Cefas”, nem os do próprio Apolo, ou de Paulo. Então, sobre que autoridade se apoiavam? Visto pretenderem ser cristãos, e cristãos mais instruídos e mais “espirituais” do que os outros —os que se contentavam com o ensinamento dos Evangelistas—, é, portanto, porque as opiniões e os usos particulares deles lhes eram inspirados, supostamente, por Cristo, pelo Espírito de Cristo, pelo aprofundado entendimento de Cristo, acima de todo ensinamento humano de apóstolo, na esteira das reflexões ou dos êxtases deles, ao arrepio de toda “tradição” vulgar. Eles o diziam; eram eles “o partido de Cristo”.

A mais forte objeção que se pode opor a esta tese, ei-la: admitindo-se que teorias tão dissolventes houvessem tomado corpo numa facção em Corinto, Paulo deveria tê-la esmagado logo de imediato, com o mesmo vigor que mobilizou contra os judaizantes da Galácia. Responderemos que a situação não era igual num e noutro caso. Entre os gálatas havia, com toda a probabilidade, pregação aberta, doutrina fixa, consolidada; já em Corinto, eram antes tendências, tentações, cochichos em pequenos círculos, uma atitude moral de alguns que podia levar a suspeitar dessa dissolução da doutrina cristã, mas que ainda não tinha se solidificado em erros categóricos, nem em revolta. Essa espécie de sincretismo cristiano-pagão não estava senão em germe, e sem dúvida não tinha sido objeto, na sua unidade até então pouco apreensível, de um informe especial das pessoas de Cloé ou da Igreja. Paulo só teria ouvido falar destes ou daqueles abusos particulares a manifestar-se neste ou naquele domínio, e muitas vezes cobertos, pelos que os cometiam, pela pretensão de compreender melhor o Evangelho de Cristo, sem qualquer recurso —ao menos sem qualquer recurso sincero— à autoridade dos apóstolos. Por isso, depois da menção geral de I, 12, ele não procedeu senão por espécies. Aguardava o dia em que viria a Corinto, para informar-se pessoalmente sobre o fulcro dessas tendências perigosas, e punir os responsáveis sem arriscar de errar os golpes; até então, parecia-lhe mais prudente agir

recordando a todo mundo o verdadeiro espírito cristão, mediante exposições cheias de autoridade persuasiva e mescladas, se necessário, de sarcasmos. Talvez valesse mais, a seu juízo, não dar mostras de temer demais uma facção que ainda não tinha realmente tomado consciência de si mesma, por temor de empurrá-la a dotar-se de maior consistência, provocando resistência declarada.

A viagem que fez mais tarde a Corinto, e os penosos incidentes que a marcaram, assim como o informe de Tito (todas coisas que deverão ser estudadas na Segunda Epístola), mostraram-lhe que essa facção, desmascarada de início por ele com uma certa mansidão, não tinha sido reduzida como o foram, segundo toda a aparência, as de Cefas e de Apolo. Ao contrário, os paganizantes tinham se tornado inflexíveis em atitude de revolta. Insurgidos contra a autoridade de Paulo, tinham encontrado aliados entre refratários de origem totalmente diversa: esses apóstolos novos, de tendências judaizantes, que tinham chegado a Corinto não sei de onde, com cartas de recomendação. Nas épocas de crise, veem-se amiúde conluios desse gênero. Esses dois bandos tinham se aproximado por aversão comum em relação a Paulo, e pelo gosto comum por especulações e por retórica. Pregavam todos, cada qual à sua maneira, "um outro Cristo", e provavelmente se diziam todos "do partido de Cristo". E tudo se resolvia —quisessem os judaizantes ou não o quisessem— numa recrudescência dos costumes pagãos, frutos da oposição ao Apóstolo, que tivera de restabelecer a disciplina. É dessa paganização que Paulo se queixará amargamente na Segunda Epístola (II *Cor.* VI, 14 e seguintes, que não julgamos dever transportar para fora de contexto); é esse conluio de independentes, de agitadores ambiciosos, de laxistas paganizantes e de "hebreus" mais ou menos gnósticos —bem diferentes, por consequência, dos simples judaizantes legalistas— que Paulo deverá esmagar nos tonitruantes capítulos II *Cor.* X-XIII. — Tudo isso deverá ser provado em seu lugar; mas, admitindo-se desde já esse modo de ver, sob benefício de inventário, reforça singularmente a opinião que enunciamos sobre a formação do "partido de Cristo", que se esboçava quando foi escrita a Primeira aos Coríntios.

Muitos exegetas se inclinam para soluções quase iguais, enquanto muitos outros combatem-nas. *J. Weiss* tomou uma decisão abrupta, rejeitando a autenticidade das palavras ἐγὼ δὲ Χριστοῦ, por razões de lógica demasiado estrita (ele acredita que μεμέρισται [*memeristai*, repartido, dividido: «Estará Cristo dividido?»] de I, 13, não poderia aplicar-se a um "partido de Cristo"); *Räbiger*, tendo entendido mal esse μεμερ., pretendia, para

completo contrassenso, que “E eu, de Cristo!” era o lema comum das três facções precedentemente nomeadas. Vimos a opinião de *Crisóstomo*, adotada por *Joh. Damasc.*, *Teofilato*, *Menóquio*, *Éstio*, *Bern. a Piconio*, finalmente *Bachmann*, e preferida por *Gutjahr*; a de *Reitzenstein*, que, seguindo outra sugestão de Crisóstomo, pensa num efeito oratório de “redução ao absurdo” para explicar essas palavras. Todos estão, portanto, contra a existência de um “partido de Cristo” (e igualmente *Callan*, *Sales*), ao menos contra um partido que tivesse sido uma facção repreensível. Para *Sickenberger*, “os de Cristo” não são atacados por Paulo; são os crentes que, desgostosos com as divisões dos outros, e por eles assediados, ficam reduzidos a cerrar fileiras num grupo distinto, e, assim, a tomar a aparência de um partido. *Renan* e outros viram aí muito simplesmente “os neutros”.

Dentre os que reconhecem a existência de um “partido de Cristo” bem distinto, procuraram-no uns *entre os judaizantes*. Assim, *Baur* punha-os junto das pessoas de Cefas, os *petro-cristinos* opostos aos *paulino-apolonianos*. Para *Holsten*, *Schmiedel*, *Heinrici* (este, sob a condição de que não seja melhor suprimir ἐγὼ δὲ Χρ.), trata-se de judaico-cristãos extremistas, sendo “os de Cefas” mais moderados; para *Weizsäcker* e outros, emissários de Tiago. Teorias de escola influíram sobre todas essas opiniões. *Robertson-Plummer* veem neles judaizantes que se gabavam de ter “conhecido Cristo na carne” (cfr. II *Cor.* V, 16); *Hilgenfeld* e *Holsten*, quase a mesma coisa; *Osiandro*, *Reuss*, *Klöpper*, *B. W. Bacon* (Expositor 1914), doutores judaizantes submissos à Lei “como Cristo”; *Beyschlag* e *Godet*, uma facção sujeita a antigos sacerdotes ou fariseus desconfiados simultaneamente dos Doze e de Paulo (*Godet* admitiria também gnósticos ou teósofos); *Lemonnyer*, judaizantes extremos, originários da Palestina, que tinham podido ver Cristo e pretendiam deter seu verdadeiro pensamento, e que reencontraremos na *II Coríntios*. — Por outro lado, todos esses “independentes” que se põem acima do próprio Cefas e de toda autoridade apostólica (*Giustiniani*, *Messmer*, *Schäfer*, *Zahn*, *Jülicher*, *Lietzmann*, al.) seriam “pneumáticos” anarquistas (*Schenkel*, *De Wette*, *Grimme*) ou racionalistas (*Neander*); *Lütgert* também os tem por “espirituais” antinomistas, libertinos e gnósticos, oriundos do paganismo, enquanto *Schlatter* os acreditaria saídos do meio dos judeus. *Toussaint* vê aí o germe do partido rebelde de *II Cor.*, tendo este se formado mais tarde pela aliança deles com os intrusos de origem judaico-cristã para combater Paulo. É bem neste último sentido que o problema parece-nos poder ser decidido.

Em resumo:

Havia em Corinto toda uma classe de pessoas, que se mostravam mais ou menos sorrateiramente refratárias à autoridade de Paulo e dos outros apóstolos e pretendiam cobrir com o nome do próprio Cristo o laxismo moral deles próprios, o racionalismo ou a mística manchada de paganismo que tinham. O Apóstolo tem o direito de tratá-los como facção, a par das capelinhas [“panelas”] formadas em redor do nome dele mesmo, de Apolo e de Cefas. Julgamos inverossímil (com *Gutjahr*) que fossem crentes judeus que tivessem conhecido Cristo e vindo de fora; tal facção de tendências tão suspeitas devia, pelo contrário, ter se formado em Corinto, em meio a antigos pagãos mal desprendidos de seus antigos hábitos, e talvez nas fronteiras dos partidos de Paulo e de Apolo, abusando das ideias de “liberdade” cristã pregadas por um, e das especulações de “sabedoria” de que o outro dera o exemplo. Vendo-se identificados, desmascarados e vigiados pelo Apóstolo, chegaram a formar, junto de intrusos de origem judaico-cristã (mais ou menos gnosticizantes, sem dúvida) provenientes de outras igrejas, o partido de declarada oposição que Paulo teve de reprimir, na Segunda Epístola, com tanto vigor e desgosto, acusando-os de se dizerem homens de Cristo (II *Cor.* X, 7, XI, 13) para pregar “um outro Cristo” (XI, 4).